



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

GT ETNOCENOLOGIA - HIBRIDISMOS, INTERDISCIPLINARIDADES E PRÁTICAS
INTERCULTURAIS NA CENA EXPANDIDA

TRAJETIVIDADE DO AFETO – IDENTIFICAÇÕES EMPODERADAS DE MIM

ANA CLAUDIA MORAES DE CARVALHO

A partir de meu encontro com a Etnocenologia desenvolvo, em minha vida social, acadêmica e artística, um trajeto construído pela afetividade e reordeno minha história. Esse encontro se adensa com o estudo sobre o ritual de iniciação do Candomblé-ketu, que somente depois, assentada em um corpo-afetado, eu me reconheço em mim, na ancestralidade da Umbanda-brasileira-amazônica, pela revelação de um segredo de família: a de ser filha de um cavalo de Pena Verde. Por essa revelação, estabeleço uma visão mosaical de meus ancestrais, da brasilidade sagrada como construção epistemológica, através da organização da trajetividade etnocenológica: o trajeto-projetoobjeto-afeto como pensamento encruzilhado e contínuo.

PALAVRAS-CHAVE: Etnocenologia. Afetividade. Pena Verde. Umbanda-brasileira-amazônica.

RESUMEN

Desde que conocí la Etnocenologia se desarrollan en mi vida social, académica y artística, una trayectoria basada en la afectividad que reordena mi historia. Esta reunión se mejora con mi estudio del ritual de iniciación de Candomblé-Ketu, cuando me encuentro en un cuerpo afectadas, verme a mí, en la ascendencia de Umbanda-BrasilAmazon, ya que también me trajo un secreto familia: yo era la hija de la entidad espiritual de un caballo "Pena Verde". A través de esta revelación, establecer una visión Mosaical de mis antepasados, un brasilidad sagrado como la construcción epistemológica, basados en la metodología Ethnoscenology: la ruta de-diseño-objeto de afectar al mayor encruzilhado pensamiento y continua.

- 1934 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

PALABRAS CLAVE: Etnocenologia. La afectividad. Pena Verde. Umbanda-BrasilAmazonas.

SUMMARY

Since I met the Etnocenologia I've been developing in my social, academic and artistic life, a route based on the affection that made me rearrange my story. This meeting is improved with my study of Candomblé-Ketu initiation ritual, when I find myself seated on an affected body, I recognize myself in me, in the ancestry of Umbanda-Brazil-Amazon, because it also showed me a secret family: I was the daughter of a horse's spiritual entity "Pena Verde". Through this revelation, I establish a mosaical vision of my ancestors, a sacred Brazilianness as epistemological construction, based on the methodology focuses of Ethnoscenology: the path-design-object-affect as thought encruzilhado and continuous.

KEYWORDS: Etnocenologia. Affectivity. Pena Verde. Umbanda-Brazil-Amazon.

1. “onde estiver teu segredo estará também teu coração”.

“Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: “onde estiver teu segredo, estará também teu coração”. (NIETZSCHE)

– Tu és muito católica!... Sempre ouvi esta frase de minha irmã, como uma quase crítica, por ser comportada demais e um tanto religiosa. A partir dessa sentença vou rememorar este trajeto-ritual de minha vida. Sou a última filha, de uma família de oito irmãos, origem tradicional, católica, de pouca posse e suburbana da cidade de Belém. Caminhei em uma formação básica, cristã: batismo, primeira eucaristia, perseverança (grupo catequético de adolescentes), crisma (grupo catequético de jovens) e casamento. Na adolescência tive a experiência de frequentar a Renovação Carismática

- 1935 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

em alguns louvores que foram transformadores em minha vida naquele momento. Lá fiquei extremamente envolvida e tive nas monções¹ uma revelação importante: – Você é uma filha muito querida de Nossa Senhora. Ela lhe protege e lhe envolve com seu manto azul”. Fiquei maravilhada! Sempre fui muito devota à Nossa Senhora de Nazaré. Até aí já misturava um pouco a minha crença com outras místicas, como a zodiacal, mas como uma brincadeira.



Foto 1: Registro de minha primeira eucaristia, na Igreja de São José de Queluz, aos sete anos, em 1984. Belém/Para. Fonte: arquivo pessoal.

Quando fiz 29 anos minha vida mudou, como acena o retorno de Saturno. Segundo o zodíaco, neste retornar, você se reencontra consigo mesma, rever amigos e amores de infância, retoma sonhos. Neste momento me reencontrei com a minha arte, há um tempo esquecida pela vida que tinha tomado outros rumos. Entretanto, outro encontro mudou completamente meu destino: a

¹ São as vidências onde recebemos algumas mensagens na Renovação Carismática Católica/RCC.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Etnocenologia. Cheguei ao mestrado completamente “afetada” pelos estudos Etnocenológicos e comecei a estudar Ritos Espetaculares, a princípio do Candomblé-Ketu - o ritual de iniciação de um Yaô. Para isso, era necessário pedir permissão para a realização da pesquisa. Joguei búzios com o pai da casa e obtive outra revelação: – Você tem uma proteção muito grande! Já fez algum trabalho? Respondi que não. – A mãe de Jesus lhe protege! – afirmou ele. Fiquei novamente maravilhada. Fui a uma festa de caboclo da Umbanda, na mesma casa que pesquisava Candomblé, o Terreiro de São Sebastião e de Cabocla Herondina, em Benevides, região metropolitana de Belém. Lá fui recepcionada por D. Mariana, que me acolheu e me disse que eu era “filha de Nossa Senhora mãe de Deus”! Depois disso, tive a plena certeza de que era protegida por Maria e que tudo estava interligado.

Inicialmente os dogmas religiosos que estruturavam minha formação eram inquestionáveis. Aprendi com a minha mãe que estes preceitos não eram para serem respondidos, mas vividos. Os mandamentos cristãos que me formavam, compunham o meu *sagrado fundante* (Steil), os meus mitos eram todos católicos. O mito, e estendo também para o dogma, é uma perspectiva da sensibilidade:

“O mito nos coloca frente a um mundo onde tudo está feito, onde o apelo do invisível nos é dado com o sensível, inscrevendo-nos irredutivelmente neste mundo e impedindo toda intenção sistemática de transformação. Neutraliza assim qualquer antagonismo estrutural que possa dividir a regra fundamental da reciprocidade humana e social. O mito é o sentido. Ele mantém o social e, por isso, não comporta qualquer fratura.” (Steil, p. 29, 1994)

Meu corpo-eu foi se modificando à medida que fui aprofundando os estudos nos Ritos Espetaculares, além do próprio trajeto da minha vida. Epistemologicamente meu corpo-afetado etnocenológico cresceu com o estudo sobre rituais vivenciados cada vez mais em meu corpo de atriz, frente a outros mitos. Em meio ao estudo sobre o Candomblé, outra revelação transformadora

- 1937 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

e inesperada: a de ser filha de um cavalo² de Pena Verde, entidade da Umbanda! Meu pai (*in memoriam*) recebia seu Pena Verde quando eu ainda não era nascida. Essa história me foi revelada por um dos meus irmãos mais velhos. Só depois compreendi, como lances de um sonho, as palavras de minha mãe a respeito de um espírito que “perturbava” meu pai. Pensei no ato: era Pena Verde, que nas palavras dela surgia como um espírito avassalador. A revelação desse segredo de família foi um divisor de águas em minha vida: a consciência de que tenho ancestralidade na Umbanda. Agora tudo fazia mais sentido. Lembrando da figura de meu pai, agora consigo visualizar muitos aspectos relacionados à ancestralidade na Umbanda. Meu pai, Lourival Nascimento Moraes, era um homem forte, decidido, autônomo e autêntico, bem parecido com sua entidade.

Pena verde, é um caboclo bravo, voluptuoso e exigente, bem parecido com meu pai. Tive a oportunidade de ver um Pena Verde no cavalo de uma mulher, no Terreiro de Dona Rosinha Malandra, em Icoaraci/Pa. Sua aparição foi breve e marcante. Olhava-o com olhar de familiaridade, tentando reconhecer, ou ingenuamente, encontrar meu pai, parafraseando Durand (2001), numa *epifania cosmológica*. As histórias de “possessão” de meu pai eram contadas de forma nervosa por minha mãe, que o acompanhava ao terreiro quando eram da Umbanda, mas ela queria distanciar-me de minha própria história. Contou meu irmão que o Pena Verde que incorporava em meu pai era muito bravo, que sua roupa era cuidadosamente tratada por seu cavalo e trazia uma faixa engomada na cintura (meu irmão sempre enfatiza essa parte quando conta a história). Depois da revelação, não tardou para meu pai seguir seu caminho espiritual. Não tive a oportunidade de lhe perguntar nada sobre sua relação com a Umbanda. Essa história é “trancada” até hoje, ninguém fala abertamente sobre o assunto, mas eu - ah! -, eu fiquei radiante! Tudo agora fazia mais sentido, restava me empoderar de minha ancestralidade negada.

Com isso, me aproximei da Umbanda. É como se eu chegasse na casa de parentes antigos, sensação de pertencimento e de familiaridade. Mas, chego devagar, com ânsia de me aproximar e de me envolver. A Umbanda, assim como a Etnocologia, tem muito a ver comigo: mais encruzilhadas, mais periferias, mais “povão”, mais brasilidade. A Umbanda, assim como a Etnocologia, tem parentesco comigo, primasirmãs próximas. Reflete uma energia totalmente brasileira, com

² Filho de santo que recebe uma entidade na Umbanda.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

múltiplas matrizes, assim como nós, brasileiros-amazônicos. Essa aparição, justifica também minha afetividade pela comunidade da Umbanda, por essa miscigenação do campo sagrado, cósmico e ancestral. É experienciar a encruzilhada da Umbanda em uma visão caleidoscópica da religião, da cultura e da arte contribuindo para a construção desse trajeto. A Umbanda é um assentamento amoroso e afetivo pela busca de minhas raízes ancestrais.

S. Pena Verde passou a fazer parte de meu imaginário particular, me desequilibrou, me transformou para um novo trajeto do afeto com muitas possibilidades de retomadas, de autoconhecimento, de alteridade umbandista. As pesquisas se tornaram minha própria vida, como o teatro, o rito, o sagrado, refletindo meu próprio eu. Analogamente cito Bião (2009, p.145) quando diz que o teatro apresenta o “sentido de olhar, um sentido eminentemente da reflexão, reflexivo, que permite o conhecimento da própria imagem no mundo, como num espelho”. No teatro da minha vida, começo a reconhecer a ancestralidade que agora é espelhada em mim, numa sensação de catarse.

2. Atravessamentos-afetivos umbandistas.

A Umbanda é uma religião morena, mesmo parecendo clichê, é esta ideia que gosto de ter dela, bem brasileira. Mistura diversas matrizes religiosas e cada casa apresenta sua estrutura específica. Historicamente se desenvolveu no Rio de Janeiro, se propagou em São Paulo e depois por todo o Brasil, especialmente nas cidades do Norte. A Umbanda, religião afro-brasileira, ao contrário do Candomblé, onde a referência da África continua sendo sua fonte sagrada, se apresenta como uma religião brasileira. Segundo Ortiz:

“O que nos parece importante é sublinhar que para o Candomblé a África conota a idéia de terra-Mãe, significando o retorno nostálgico a um passado negro. Sob este ponto de vista a Umbanda difere radicalmente dos cultos afro-brasileiros; ela tem consciência de sua brasilidade, ela se *quer* brasileira. A Umbanda aparece desta forma como uma religião nacional que se opõe às religiões de importação: protestantismo, catolicismo e kardecismo. Não nos encontramos mais

- 1939 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

na presença de um sincretismo afro-brasileiro, mas diante de uma síntese brasileira, de uma religião endógena”. (1999, p. 16-17)

Ortiz não comunga a ideia do sincretismo na Umbanda, mas de uma síntese do que encontramos no Brasil em termos religiosos. Suas matrizes são estruturadas pelo culto aos Orixás; culto aos santos católicos; a Pajelança e a sabedoria indígena ancestral; a doutrina espírita kardecista e a chamada Linha do Oriente – os ciganos. Religião que agrega ecumenicamente diversas doutrinas e traz uma questão singular para Ortiz (1999): o negro, com a Umbanda, deixa de ser afro-brasileiro para ser negro-brasileiro. A seguir a imagem do Terreiro no qual inicio os *atravessamentos-afetivos* na Umbanda:



Foto 2: Terreiro de São Sebastião e, da Cabocla Herondina, espaço no qual aconteceram meus primeiros atravessamentos umbandistas. 2012 Fonte: arquivo pessoal.

- 1940 -



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Meu *primeiro-atravesamento-afetivo* foi que, ao chegar na casa de Dona Herondina, fui surpreendida com uma oração católica, o pai-nosso, para iniciar os trabalhos da casa. Fui atravessada de forma positiva pela estrutura cosmológica da religião, pelo encantamento da mistura de matrizes e/ou síntese delas. Os tambores soaram e as entidades começaram a ser invocadas pelos pontos cantados. O ritual é regado por bebidas, vinho ou espumosa - como a cerveja é chamada por muitos deles -, cigarro ou tabaco. As entidades vão sendo invocadas conforme suas linhas e hierarquias. Depois podemos visualizar em seus cavalos várias linhas presentes, sejam Turcas, caboclos, pretos velhos ou Pombagiras. Nessa festa à Dona Herondina, todos eles estavam presentes.

O *segundo-atravesamento-afetivo* se deu pelo acolhimento das entidades com a comunidade presente no ritual. Nunca me senti tão perto do sagrado. Na Umbanda, as entidades nos tocam, nos falam, nos revelam, nos curam. Foi quando Dona Mariana falou a primeira vez comigo, me acolheu em sua casa e olhou no fundo de minha alma. A vibração que sinto quando estou acolhida na Umbanda é reveladora, de muito encantamento.

O *terceiro-atravesamento-afetivo* diz sobre as revelações e aconselhamentos. Depois de saber que sou filha de um cavalo de Pena Verde, obtive muitas revelações, e esse trajeto afetivo construído a partir do conhecimento ancestral cria novos caminhos... Caminhos que desejam ser redescobertos através da continuidade mediúnic. Por esse tripé de *atravesamentos-afetivos* que estruturo, enquanto *corpo-afetado* de Umbanda, trilho novas proposições epistemológicas.

3. Construções epistemológicas a partir da brasilidade sagrada.

Me sinto exatamente agora na *margem*, entre dois espaços sagrados, na qual, segundo Gennep (2011), "Qualquer pessoa que passe de um para outro acha-se assim, material e mágico-religiosamente, durante um tempo mais ou menos longo em uma situação especial, uma vez que flutua entre dois mundos". *Margem* porque estou no limite das cosmovisões, das doutrinas, entrando devagar no rio profundo, de correntezas diversas. Na *margem*, não como um afastamento, mas como uma ilharga, à beira do rio. As transformações estão ocorrendo como um rito de passagem, ressignificando a minha vida pessoal e acadêmica.

- 1941 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Durand (2001) conceitua a poesia e as religiões como patrimônio *imaginário da humanidade*. A partir desse adentramento na religião vivenciada por meu pai de carne, amplio as estruturas do meu imaginário para a criação de novos mitos antes desconhecidos e negados por mim. Não desprezo, com isso, meus antigos mitos e as místicas a eles empregadas, porém amplio meu universo cosmológico e ecumênico, ressignificando também, minhas crenças. Muito me alimenta a ideia de pulverizar a bipolaridade do bem e do mal que organiza o pensamento racional católico (no qual me formei), e que reprime boa parte dos desejos humanos, muitos deles inerentemente humanos, como o desejo sexual. Em diversas religiões, e a Umbanda é uma delas, o bem e o mal são indissociáveis. Ela se estrutura num princípio de contradição que “devemos compreender em sua acepção própria, sublinha o que caracteriza o ser vivo. As qualidades morais do santo, do herói ou do gênio certamente são importantes, porém não menos importantes são seus defeitos” (Maffesoli, 2004, p.99). Também caracteriza-se por ser mais próxima de seus filhos, de seus cavalos e de sua comunidade. A Umbanda cultua Exus e Pombagiras, a forma feminina dos Exus. Trabalhadores de sua linha Esquerda, a linha da Esquerda não é contrária a linha da Direita, mas complementar. Os Exus são um bom exemplo da incompreensão da estrutura da religião. São, muitas vezes, mal interpretados por outras religiões, até por adeptos da própria Umbanda. Historicamente foram associados a figura do diabo cristão, primeiro, porque a simbologia dos Exus diferem muito da cristã: a sexualidade, por exemplo, não é associada ao pecado e sim à fertilidade, e seus tridentes representam caminhos. Segundo, muitas casas usavam a relação do Exu com o diabo cristão, como forma de se proteger da discriminação e da segregação das pessoas desavisadas, mantendo-as afastadas do ritual. Na citação de Barbosa Júnior(2014), percebemos claramente o princípio de contradição, sem a negatividade atribuída à ela convencionalmente:

“Guardiões não apenas durante as giras e as consultas/atendimentos que dão nas giras de Esquerda, são os senhores do plano negativo (“negativo” não possui nenhuma conotação moral ou de desvalor), responsabilizam-se pelos espíritos caídos, sendo ainda, cobradores dos carmas. Combatem o mal e estabilizam o astral na escuridão. Cortam demanda, desfazem trabalhos de magia negra, auxiliam em descarregos e desobsessões, encaminham espíritos com vibrações

- 1942 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

deletérias para a Luz ou para ambientes específicos do Astral Inferior, a fim de se reabilitarem e seguirem em senda da evolução.” (2014, p. 200-201)

Não são somente os Exus e Pombagiras que ganharam gratuitamente essas atribuições negativas, talvez eles, por serem da Linha da Esquerda, e hierarquicamente, no “panteão” umbandista, representam os prazeres da vida mundana. Sinto como se estivesse saindo de relações apolíneas de percepção de mundo, de vida, para adentrar num mundo muito mais dionisíaco, de atrevimento, de paixões, de emoções-afetivas, especialmente na construção de novos mitos. Início uma trajetividade que utiliza

“Dionísio/Exu” na construção do pensamento filosófico como um “paradigma da alteridade fundadora: aquilo que ao mesmo tempo encerra e inaugura” (*Maffesoli, 2006*), algo que se findou simbolicamente com a morte carnal de meu pai e se inaugurou com o segredo revelado de uma ancestralidade na Umbanda. Assim como Dionísio tem uma chegada tardia ao panteão grego, segundo a sua mitologia, eu também chego tardia e estranhamente ao um novo *religare*, em uma nova *relig*-ação. Novos mitos são construídos em mim: S. Pena Verde; Dionísio e Exu.

Continuando minha *relig*-ação com a antiga-nova ancestralidade, adenso minha vivência cosmológica quando a mim é revelado em uma festa de Exu, por Dona Maria Padilha, confirmando meu *terceiro-atravesamento-afetivo* umbandista, que faria meu doutoramento falando sobre eles. Assumi uma responsabilidade de pesquisar, viver e me envolver emocionalmente com eles, entidades da linha Esquerda da Umbanda. A partir de então, mergulho no universo dos Exus, especificamente de uma Pombagira, Dona Rosinha Malandra do terreiro de Cabocla Herundina e de Dona Rosinha Malandra em

Icoaraci, na região metropolitana de Belém. Seu cavalo se chama Pai Cledilson.

Proponho-me a pesquisar a espetacularidade do *corpo-cavalo*³ de Dona Rosinha Malandra e toda a relação cosmológica do cavalo e sua entidade. Essa relação é transfigurada no *corpo-cavalo* da entidade numa indissociação, conforme observamos na imagem a seguir:

³ Noção de corpo que atribuo ao cavalo e a espetacularidade advinda da relação com sua entidade.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

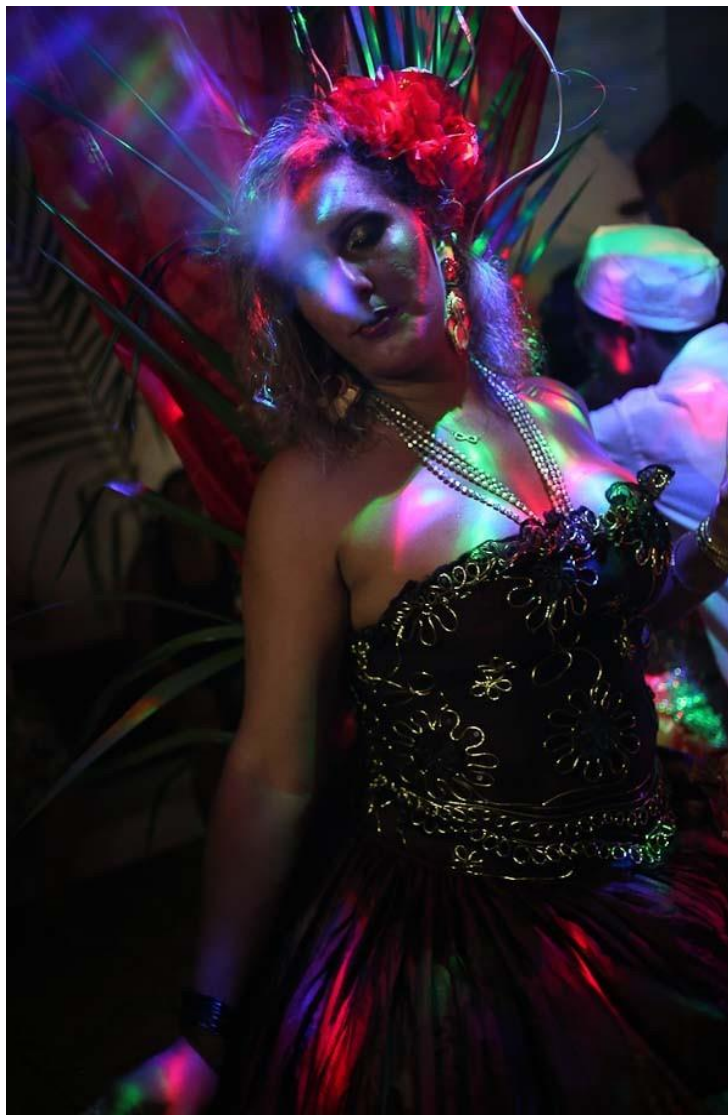


Foto 3: Dona Rosinha Malandra no *corpo-cavalo* de Pai Cledilson.
Festa de Exu, 2016. Fonte: Guy Veloso.

A *indissociação* do *corpo-cavalo* e sua entidade é a relação íntima, vital entre o corpo e o espiritual em sua espetacularidade ritual. Analogamente, mas sob um viés de produção artística, escrevi sobre a relação que o artista tem com a entidade que encena. Ao *corpo-cena*⁴ que sofre

⁴ Noção de corpo que atribuo ao corpo artístico na apresentação de um processo criativo.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

essa relação, intitulado *corpo-encostado*, fundamento cósmico na construção artística do corpo na cena. Na Etnocenologia, o *corpo-encostado* representa a vivência do corpo do pesquisador em seu fenômeno, de uma pesquisa inteirada, no qual o CORPO inserido, construído e experienciado, é o grande mote etnocenológico. Nas duas proposições: *corpo-cavalo* e *corpo-encostado*, o primeiro na dimensão ritual e o segundo na dimensão artística, visualizamos o liame entre o sagrado no profano, e o profano no sagrado. Na perspectiva etnocenológica de Perlin apud Santa Brígida:

“Na necessidade desse apontamento, o pesquisador nem percebe que acaba demarcando uma fronteira, que para os estudos da Etnocenologia estão embaçados, misturados, inexistentes. O profano dentro de um entendimento de que não existem religiões mortas e sim transformadas, pode ser encontrado mais adiante, como aquilo denominado profano, na própria sacralidade apontada. Estando o profano na própria sacralidade apontada, trazida pelo movimento da existência, e aí é tudo que se movimenta, o antes denominado profano aparece como sagrado.” (2015, P. 18)

O sagrado e o profano estão e/ou sempre estiveram imbricados nos espaços sagrados. Na ritualística da Umbanda, especificamente, nas entidades da Esquerda, observamos de forma singular essa relação. Na imagem de Dona Rosinha Malandra, sagrado e profano são influenciados pelas transformações da contemporaneidade. Por ser as religiões alvo de transformações sociais correlacionadas no imaginário, sofrem diretamente as mudanças da sociedade. Essas transformações são vivenciadas pela comunidade nos rituais de Dona Rosinha Malandra sem estranhamentos, ratificando o compartilhamento coletivo do ritual pós-moderno.

Os atravessamentos-afetivos da Umbanda efetivaram a relação epistemológica da pesquisa, bem como a metodologia a ela empregada. A partir dessas relações afetivas traço uma *visão mosaical* de pesquisa etnocenológica, haja visto que colho partes na construção de um todo, na perspectiva interdependente do todo com a parte e da parte com o todo. A *visão mosaical* se constrói na noção de alteridade da Etnocenologia e mais profundamente, de minha história de vida enquanto

- 1945 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

descendente de um cavalo, caboclo Pena Verde. Assim como meu pai, a pesquisa na Umbanda faz parte da minha essência, parte e todo de mim. A *visão mosaical* enquanto estrutura teórico-metodológica da pesquisa em Etnocenologia, se conecta à proposta *método-gráfica-caleidoscópica* (Palheta, 2015), garantindo a autonomia do pesquisador etnocenológico na criação de suas próprias propostas metodológicas, a partir de suas vivências no fenômeno. Palheta, com sua proposta *método-gráfica-caleidoscópica*, traz à discussão novas possibilidades de pesquisa e/ou processos epistemológicos a partir das reverberações emitidas pelo estudo do fenômeno etnocenológico.

Pela *visão mosaical* de pesquisa e sua relação entre parte-todo-parte também reorganizo minhas identificações pessoais enquanto empoderamentos antropológicos. Inicialmente eu tinha uma identidade que não coube mais em meu “RG”. Precisei ampliá-la para receber novas identificações para a construção de minha própria imagem. Nessa trajetividade recolho resquícios de vida que se tornaram grandes motivações. Além de tantas identificações sociais que já me identificavam, adquirei mais uma: a afro-indígenacabocla = Lourival Moraes (nome de registro de meu pai). Esta imagem se amplia conforme me alimento de histórias vividas pelos meus ancestrais e de histórias que ainda vou viver. Aqui cito o poeta Paes Loureiro e suas contribuições sobre a construção de nossas histórias e imaginários mitológicos: “Há uma espontânea visão do cosmo e sua grande metáfora é o mito. Ou a alegoria. [...] O cosmo é a revelação do divino, mas não necessariamente de um Deus. Pode dizer que ali o homem também cria seus deuses” Loureiro (2008, p.5-6). Assim, as culturas, os povos vão se reinventando, eu também me reinvento.

Existe uma relação profícua entre nossas identificações e o imaginário que circunda nossa realidade e a maneira como concebemos o mundo. Loureiro, que muito pensa sobre a Amazônia e seu imaginário, ratifica que o imaginário é uma forma de ver e pensar o mundo, capaz de produzir conhecimento, do mundo e de si. A partir do imaginário, e a ancestralidade faz parte dele, construímos nossa maneira de pensar, de se comportar e de pensar o outro também, pela alteridade. O mais novo imaginário que agora respiro traz um diferencial, o fato de pertencer a Amazônia. A Amazônia traduz aspectos peculiares em si. Na região a vida se estrutura e se compreende por seu imaginário. “Na Amazônia, o imaginário, espécie de *sfumatto* poetizando a

- 1946 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

relação entre homem e natureza, entre o real e o surreal, instaura e configura essa zona indistinta de devaneio, esfumado poetizante entre a realidade e o imaginário” (Loureiro, 2008, p. 01). Por isso, acredito que há uma peculiaridade própria da Umbanda cultuada nesse solo amazônico, porque pulsa nele uma energia que vem da natureza verde e de sua caboclice afro-indígena.



Foto 4: Exu. Festa de Exu. Icoaraci/PA. 2016. Fonte: Guy Veloso.

Por essas novas identificações trilho meu trajeto em direção a uma Umbandabrasileira-amazônica. Na Etnocenologia, o fenômeno de pesquisa segue uma organização básica de trajetividade e construção: Trajeto-projeto-objeto. Santa Brígida (2015), adensou essa trajetividade colocando subsequentemente o AFETO. Portanto, trajetoprojeto-objeto-afeto constroem um pensamento etnocenológico inicial e contínuo. Entretanto, pela trajetividade percorrida por mim, pela revelação do segredo de família, estrutura uma proposição particular de uma trajetividade etnocenológica, ficando então assim:

- 1947 -



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

TRAJETO – AFETO – PROJETO – OBJETO (FENÔMENO)

A reorganização da trajetividade etnocenológica particulariza a proposição epistemológica a partir de meu trajeto pessoal, em geral, o afeto é construído com o desenvolvimento da pesquisa e do envolvimento do pesquisador com o fenômeno pesquisado. Contudo, faço o movimento não inverso, mas diferenciado do trajeto, porque me reencontro com uma parte de mim nunca antes encontrada, gerando uma inevitável relação amorosa de devaneios ancestrais. Sobretudo, acredito que o afeto, especialmente o afeto etnocenológico, que se concretiza a partir do respeito ao outro, costura toda a pesquisa, se tornando o próprio trabalho final, já que é parte da vida dos pesquisadores e/ou de suas comunidades. Trajeto-projeto-objeto-afeto pode, com isso, apresentar novas estruturas construtivas de pensamento que estão embasadas em um pensamento que apresenta uma *sensibilidade orgânica* (Maffesoli p.1998) e por isso seminal.

Na encruzilhada da esquina de casa.

Ver é transpor as barreiras da carne.

Provérbio cigano

A essência do homem e também do artista é a busca pelo novo, é se entusiasmar sempre, diversas vezes. A volta às minhas essências ancestrais, por ser surpreendida pela grande revelação de uma ancestralidade na Umbanda, garante uma semente que germina ao fundo da minha história, um trajeto que percorre em uma ambiência que acreditava não ter muito haver comigo. Quando adentrei no Candomblé-Ketu, pelas pinturas corporais das yaôs, não tinha a dimensão que meu destino estava traçado. As relações foram se complementando a ponto de serem a minha própria vida. A este desenrolar chamo de *relação imaginal*, que escrevo pela acumulação de várias noções que há um tempo fazem parte da minha *encruzilhada semântica*. Essa *encruzilhada semântica* cresce à medida que também cresço, tanto academicamente, quanto espiritualmente.

A *relação imaginal* revela minhas aspirações quanto a minha própria imagem enquanto ser. Estou me reconstruindo de acordo com as novas informações. Nessa relação imbrico imaginário transcendental de forma vaginal, no qual percebo intimamente a construção do conhecimento

- 1948 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

envolvendo história de vida, ancestralidade e arte. Esta trilogia estrutura toda a minha forma de olhar o mundo. Eu o enxergo a partir da minha história pessoal, da minha ancestralidade afro-indígena-cabocla e da minha arte. Sobre a autorenovação a partir de um imaginário como quebra de paradigmas:

“Então, não é simples afetação ou pura retórica mostrar que, em determinados momentos a força do imaginário encontra um vigor renovado. É necessário romper com o aprisionamento de nossas certezas dogmáticas, com enclausuramento de nossas seguranças teóricas, o umbiguismo de nossas pretensões científicas. Por que não aceitar a hipótese, corroborada empiricamente pelas histórias humanas, que, depois de ter sido fecundo, um paradigma pode tornar-se infecundo? E que ele deixa, desde então, naturalmente, o lugar a um outro paradigma” (Maffesoli, 2012, p. 111112)

A contemporaneidade tem a característica de agregar vários sentidos, comportamentos, paradigmas ou a quebra destes. Cria novos parâmetros e novas comunidades a partir de interações construídas socialmente. As monções carismáticas, as revelações no Ifá e os aconselhamentos umbandistas me fizeram acreditar que estamos sempre interligados. O trajeto para o estudo etnocenológico, dentro do viés dos Ritos Espetaculares, também não foi aleatório, estava interligado, assim como o legado umbandista de meu pai também não foi apagado, mas repassado para seus sucessores e eles já dão sinais de que esse legado renovado é só uma questão de tempo.

Pesquisa e estrutura noções de corpos etnocenológicos, a noção de *corpoencostado* revelado por Maria Padilha, significa o marco epistemológico nos estudos dos Ritos Espetaculares e a relação do artista-pesquisador com as entidades pesquisadas, traduz de forma afetiva a estreita relação entre os dois. *Corpo-encostado*, assim como a Umbanda, é um assentamento amoroso e afetivo entre artista e entidade e de sua bênção à realização do trabalho artístico.

- 1949 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Com a mesma similaridade de importância encontro a perspectiva da *indissociação* do *corpo-cavalo* com sua entidade, agora cavalo e entidade caminham juntos na espetacularidade etnocenológica na contemporaneidade. Há uma peculiaridade que a entidade encontra somente em seu cavalo, um cavalo contemporâneo, consciente de seu papel ancestral e social. A indissociação entre cavalo e entidade revela a própria discussão na pós-modernidade e das questões religiosas.

Para compreender metodologicamente as questões traçadas de forma orgânica, proponho a *visão mosaical* de pesquisa etnocenológica, visando compreender que parte e todo estão interligadas essencialmente. Uma *visão mosaical* que se estrutura a partir da trajetividade do afeto num recomeço de mim. Além do pensamento filosófico no qual Dionísio/Exu são novas concepções mitológicas do meu imaginário.

A Etnocenologia como base para novos conhecimentos contribuiu efetivamente para que eu concebesse novos atravessamentos-afetivos. Atravessamentos que me traspassam “religiosamente” me entusiasmando para novos pensamentos, novas contribuições, novas paixões etnocenológicas. A encruzilhada semântica se inspira nas relações cósmicas advindas dos preceitos umbandistas e para concluir essa trajetividade que revela tantas interligações trago a inspiração em meu segundo-atravesamentoumbandista a partir de um ponto de Pombagira Cigana: “Ela parou e leu minha mão, disse todas as verdades!”.

Referências Bibliográficas:

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos.

Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009. p.145.

BRÍGIDA, Miguel Santa. A Etnocenologia na Amazônia: Trajetos-Projetos-Objetos-Afetos. In. Repertório: teatro & dança. Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro. Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Ano 18, n. 25 (2015.2) – Salvador: UFBA/PPGAC. ISSN 1415-32-03, p.13.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- 1950 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

GENNEP, Arnold Van. Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOUREIRO. Paes. A arte como encantaria da linguagem. Belém: Editora Universitária/UFPA, 2008, p. 01.

LOUREIRO. Paes. A arte como encantaria da linguagem. Belém: Editora Universitária/UFPA, 2008, p. 5-6.

MAFFESOLI, Michel. Elogio da razão sensível. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro, 2004.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, Michel. O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PALHETA, Cláudia. Etnocenologia, uma proposta método-gráfica-caleidoscópica. In Fórum Bienal de Pesquisa em Artes (7: 2015: Belém-PA). Anais: Pele da Arte. Belém: PPGARTES/ICA/UFPA, 2015.

PERLIN. Sandra. Brasil de todos os deuses: o espetacular no samba, a partir da teatralidade dos ritos sagrados, revelando um ser religioso pós-moderno. In Repertório: teatro & dança. Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro. Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Ano 18, n. 25 (2015.2) – Salvador: UFBA/PPGAC. ISSN 1415-32-03, p. 29.

STEIL, Carlos A. Para ler Gauchet. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, 16 (3): 24-49, 1994.